

## Práticas de colaboração e a condição do professor

A avaliação de professores tem sido vivida nas escolas com alguma incomodidade. Várias foram as expectativas e os desencantos de um processo complexo, atribulado, não raro vítima das suas próprias vicissitudes. Um processo que, com razão ou sem ela, deixou marcas profundas no quotidiano de muitas escolas e no modo como os professores se relacionam com a sua condição e como esta é encarada pela sociedade.

Não discutamos, agora, a correcção ou a injustiça dos argumentos utilizados ao longo deste debate, ou as acusações de autoritarismo ou reflexos corporativos que não raro, o envenenaram. Centremo-nos, antes, no professor, na sua condição, pessoal e plural, no modo como com ela se relaciona. Acreditamos que tal exercício poderá abrir portas insuspeitas e ajudar-nos a fazer, como escreveu Maurice Bellet, «das nossas fraquezas força».

A verdade é que nos confrontamos hoje com uma desvalorização simbólica da condição de professor, acelerada por todo um conjunto de imagens fortemente mediatizadas e, geralmente, pouco abonatórias. Imagens que acabam por limitar, ou mesmo inverter, as traves-mestra que, no passado, configuraram esta identidade. A verdade é também que, não raro, o professor, aturdido com o gigantismo das escolas, o avolumar de tarefas burocráticas a que é chamado e, sobretudo, com o isolamento em que vive o seu quotidiano profissional, tende a olhar-se como um mero dispensador de conhecimentos, por vezes a ter de sobreviver num ambiente hostil. A crescente precariedade das relações de trabalho, a que mesmo o ensino público não é já alheio, e a instabilidade do quadro sócio-profissional relevante fazem o resto.

A este estado de coisas poderão responder dinâmicas inclusivas no interior das escolas, capazes de quebrar isolamentos e promover espaços de encontro e partilha entre os professores. Espaços abertos à reflexão e discussão de experiências de ensino, à análise mútua de episódios das aulas, à discussão de planos

e iniciativas, à partilha, em suma, das dificuldades e sucessos que todos atravessamos. Trata-se de desenvolver uma cultura de colaboração entre os professores, reagindo ao anonimato, verbalizando vivências, fazendo coisas em conjunto.

De facto, a vida — a prática — enriquece-se quando é dito em voz alta. E há alguém para escutar e dizer também. Por isso estes espaços poderão desempenhar um papel tão importante na melhoria das práticas docentes e na própria regulação dos processos de ensino e aprendizagem.

O conjunto de experiências que podem, em cada escola, tecer os fios de novas atitudes e de uma cultura colaborativa, será igualmente fecundo em termos do desenvolvimento profissional dos professores. O envolvimento activo em projectos diversificados com colegas constrói comunidade, reduz o isolamento, é fonte de inovação educativa.

Mais ainda, tem potencial para desenvolver novos papéis e formas de relação entre os professores. Estes poderão, por exemplo, actuar como revisores e consultores uns dos outros, fornecendo informação e *feedback* sobre a implementação de um novo curriculum ou de uma estratégia de ensino. Poderão, ainda, organizar-se como investigadores das suas próprias práticas, recolhendo informação, sistematizando reflexões, testando hipóteses. O espaço e colaboração constitui, assim, um meio particular de reflexão, desenvolvimento profissional e regulação das próprias práticas.

Em contextos e com objectivos muito diversos, práticas colaborativas emergem, afirmam-se e gostaríamos que se multiplicassem. Elas são, certamente, o indicador mais seguro da capacidade que os professores por vezes têm de fazer das suas «fraquezas força».

Maria Helena Martinho

IE, Universidade do Minho